

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

**MUÇULMANOS EM CUIABÁ: A CONSTRUÇÃO E INAUGURAÇÃO DA
MESQUITA EM JORNAIS IMPRESSOS DA CIDADE**

Adriana Auxiliadora da Silva

SEDUC-MT/PPGEL-UFMT
profadrianacefapro@gmail.com

Resumo: Ao longo da história observamos o processo migratório dos povos árabes originados por dois movimentos: os fatores religiosos, relacionados a situações como a intolerância religiosa, já que nem todos professavam a mesma fé, e a relação de submissão ao império turco-otomano, com as leis que regulavam o acesso à terra, ou seja, à mudança da estrutura fundiária desses países, ocasionaram problemas na questão social e econômica, como o crescimento da população urbana e do desemprego (BRANDÃO, 2007). Diante deste quadro, o povo árabe foi buscar na América um outro espaço para que pudesse viver com sua família e professar sua fé. Dessa forma, o processo migratório chegou também à Cuiabá e por isso, este trabalho tem por objetivo analisar reportagens produzidas por jornais impressos locais na ocasião da construção e da inauguração da mesquita de Cuiabá, no final da década de 1970, no que se refere à presença muçulmana e a legitimação da fé islâmica em Mato Grosso. Assim, focamos nas narrativas que retratam a construção da mesquita nos textos documentais, no caso, os jornais, que abordam sobre o enaltecimento, acolhimento e a incorporação de migrantes árabes, particularmente de sírios e libaneses, desde a metade final do século XIX, à vida social da cidade de Cuiabá. Contudo, a pesquisa, de cunho documental, buscou reunir no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, reportagens publicadas nos principais jornais impressos de Cuiabá, à época da construção e da inauguração da mesquita da cidade e tem suporte teórico em estudiosos como FARAH (2014), PINTO (2010), BRANDÃO (2007), TRUZZI (2007), KARAM (2009), ZOLIN-VESZ (2015, 2016a, 2016b). Portanto, as análises dos dados contribuíram para nos informarem que a presença da Mesquita Muçulmana em Cuiabá, nada mudou o cotidiano da capital, mesmo esta sendo um berço da religião católica.

Palavras-chaves: Muçulmanos; Narrativas; Mesquita.

Introdução

Neste trabalho busco compreender a narrativa de expulsão-acolhimento e integração de migrantes árabes, particularmente sírios e libaneses, desde o final do século XIX, à vida social da cidade de Cuiabá (ZOLIN-VESZ, 2015, 2016a, 2016b); bem como apresentar como o enaltecimento da construção e inauguração da Mesquita é apontado nas reportagens dos jornais impressos. Neste sentido, a narrativa mestra (Pinto, 2010) auxiliará na compreensão da chegada e permanência dos árabes no Brasil, em meados de 1800, em que tratará especificamente da expulsão-acolhimento-integração social (BRANDÃO, 2007; PINTO, 2010; FARAH, 2014; ZOLIN-VESZ, 2015, 2016a, 2016b).

Assim, abordarei nas análises sobre a construção e inauguração da Mesquita em Cuiabá, analisando a migração árabe e o enaltecimento deste templo suntuoso construído na capital. Desta forma, para análise utilizo as reportagens produzidas pelos jornais impressos O Diário de Cuiabá, O Estado de Mato Grosso, Equipe e O Jornal de Mato Grosso, na ocasião da construção e da inauguração da Mesquita de Cuiabá, em especial no que se refere à presença muçulmana e à legitimação da fé islâmica em Mato Grosso.

Ainda neste viés, apresento os pressupostos teóricos que subsidiam a prática da narrativa mestra, que de acordo com os estudos sobre a presença árabe no Brasil “[...] pode ser resumida como uma saga de imigrantes que teriam fugido da pobreza, opressão política e perseguição religiosa de um Império Otomano decadente” (PINTO, 2010, p.17). Conforme, relata Farah (2014), o Império Otomano comandava os países árabes, incluindo a Síria e o Líbano, sendo assim, a expulsão resume-se a duas situações: fatores religiosos e situação de dependência ao Império Otomano e suas normas que regulamentavam o acesso a terra (BRANDÃO, 2007). É neste contexto que serão apresentadas a discussão aqui proposta.

1. A expulsão, o acolhimento e a integração de migrantes árabes

O processo de migração dos árabes para a América não foi um feito de espontaneidade, pois foram obrigados a sair de seu país de origem por não aceitarem os

comandos do Império Otomano. Diante disso, seguirei uma narrativa mestra elaborada por Pinto (2010) para que possamos compreender a chegada dos árabes ao Brasil. Por isso traremos a baila o que o autor aborda sobre o assunto. Dessa maneira, Pinto (2010, p.17) traz que

“...a ‘narrativa mestra’ dos estudos sobre a presença árabe no Brasil pode ser resumida como uma saga de imigrantes que teriam fugido da pobreza, opressão política e perseguição religiosa de um Império Otomano decadente”.

Diante disso, podemos observar que o período da migração foi doloroso e incerto, pois vieram em busca do que haviam perdido a esperança. Neste sentido, a primeira questão refere-se à religião, pois grande parte deles seguia a fé cristã e o Império determinava que o Islã fosse a religião predominante, já a segunda trata das mudanças na estrutura da questão agrária, dificultando o acesso à terra, aumentando o êxodo rural e ocasionando desemprego para a população urbana. Diante disso, a migração foi o caminho encontrado para o povo dos países árabes, uma vez que os mesmos não tinham mais condições de sobrevivência no seu país de origem.

Assim, no que se refere à narrativa de acolhimento esta ocorria logo após a chegada dos migrantes na América, pois a sua inserção se dava por meio de “redes de relações interpessoais que conectavam espaços transnacionais” (PINTO, 2010, p. 57). Essas redes possibilitavam aos que aqui chegavam uma “mão amiga” para que conseguissem se manter no novo mundo.

Dessa forma, os migrantes árabes vinham para a América no intuito de estabelecerem-se economicamente para que pudessem ajudar os familiares que haviam ficado no Oriente. E assim, formavam redes colaborativas de sociabilidade uns com os outros através do convívio, desse modo, os que chegavam observavam e aprendiam as práticas e os conhecimentos de como era ser migrante em um país que não era o seu, para que pudessem se inserir na sociedade em que estavam. Essa forma de viver em outro país também seria algo para ser aprendido, e os que aqui estavam há mais tempo, sabiam como fazer.(PINTO, 2010)

Já a questão da integração social ocorreu paulatinamente, quando os migrantes chegaram e encontraram seus ‘batrícios’, logo, os que, aqui estava há tempo, estabeleceram uma maneira que estes pudessem ficar. Organizaram-se e explicaram o

modo que estes deviam fazer para que conseguissem suas rendas e fixassem moradia por aqui. Diante disso, segundo (PINTO, 2010, p. 70) “o comércio ambulante, por requerer um baixo investimento inicial, foi a primeira atividade econômica de boa parte dos árabes no Brasil, assim como nos outros países da América”. Assim, as redes solidárias, novamente são presentes na questão da integração social, porque auxiliaram os migrantes e estes puderam se integrar à sociedade com seus estabelecimentos comerciais, sendo eles, no mascateio ou com suas “lojinhas” na cidade. Conforme nos relata os autores acima mencionados, a integração social dos migrantes árabes foi acontecendo porque estes investiram também, no capital cultural de seus filhos, no intuito que esses estudassem e se tornassem profissionais liberais para que pudessem integrar na sociedade local. (KARAM, 2014); (PINTO, 2010)

Dentro desta perspectiva, Pinto (2010) mostra a relevância do capital cultural para a vida dos migrantes, já que

“[...] os migrantes árabes possuíam várias formas de capital cultural, que significa o conjunto de bens e recurso simbólicos acumulados por um indivíduo (Bourdieu,1982), as quais foram mobilizadas na elaboração de distintas estratégias de inserção na sociedade brasileira.” (PINTO, 2010, p.71)

Neste sentido, os filhos dos migrantes que já tinham saído da condição de “mascate” e estavam estabelecidos com suas lojas na cidade, foram incentivados a estudar para que pudessem pertencer a sociedade brasileira na esfera econômica, política e social. Diante disso, os descendentes dos migrantes seguiram o conselho dos pais, e depois de formados, assumiram matrimônio com pessoas que faziam parte desta elite econômica, política e social. Como nos traz Oliveira e Junqueira (2016) no texto em que trata sobre as representações de sírios e libaneses.

“O matrimônio assumiu, portanto, papel importantíssimo nas estratégias desses grupos de imigrantes. Se, inicialmente, a preocupação central era a sobrevivência em um lugar distante de sua origem, com o passar do tempo, e dentro de uma perspectiva de consolidação nas esferas sociais em um micro universo que teria algo em torno de 8.000 (oito mil) habitantes, as preocupações se alteraram. Passaram, na virada do século XIX para o XX, a ocupar destaque a realização do matrimônio como forma de assegurar que a fase inicial havia sido consolidada. O casamento com filhas de comerciantes ou de fazendeiros locais denota o grau de aceitabilidade que esses imigrantes já gozavam na sociedade local.” (OLIVEIRA; JUNQUEIRA, 2016, p. 395).

Assim, fazer parte da sociedade local ficou mais simples, pois já tinham conseguido estabelecer-se enquanto família brasileira. Não fica claro nos textos das pesquisas, se os matrimônios foram uma maneira de garantir a permanência no novo mundo, porém nos esclarece que foi um ato pensado para comporem e regulamentarem sua estadia no Brasil. Desta maneira, os sírios e libaneses se integraram na sociedade e na economia brasileira, ocupando todos os espaços que lhes cabiam.

Neste sentido, KARAM (2009) também nos mostra que o processo de integração também aconteceu porque os migrantes árabes compreenderam a política capitalista impetrada no Brasil, e como trabalhavam no comércio, a sua adequação ao sistema econômico vigente foi mais tranqüila. Segundo o referido autor,

“[...] dos anos 1970 até hoje, as iniciativas neoliberais - como a liberalização do mercado, o enxugamento da máquina do Estado e a diversificação do mercado consumidor – aproximaram ainda mais o Brasil do sistema global.”
(KARAM, 2009, p. 14)

Assim, observamos que os migrantes árabes foram de certa maneira ganhando espaço dentro de um país, em que as mudanças de mercado iam se alternando a cada crise mundial que ocorria e a cada governo que se instalava. Nesse sentido, a integração social através do matrimônio com pessoas pertencentes à elite da cidade e a adequação aos planos de mercado, os migrantes árabes foram se constituindo como membros da sociedade brasileira.

No caminho da integração social, Truzzi, (2007, p.365) também traz o seu relato

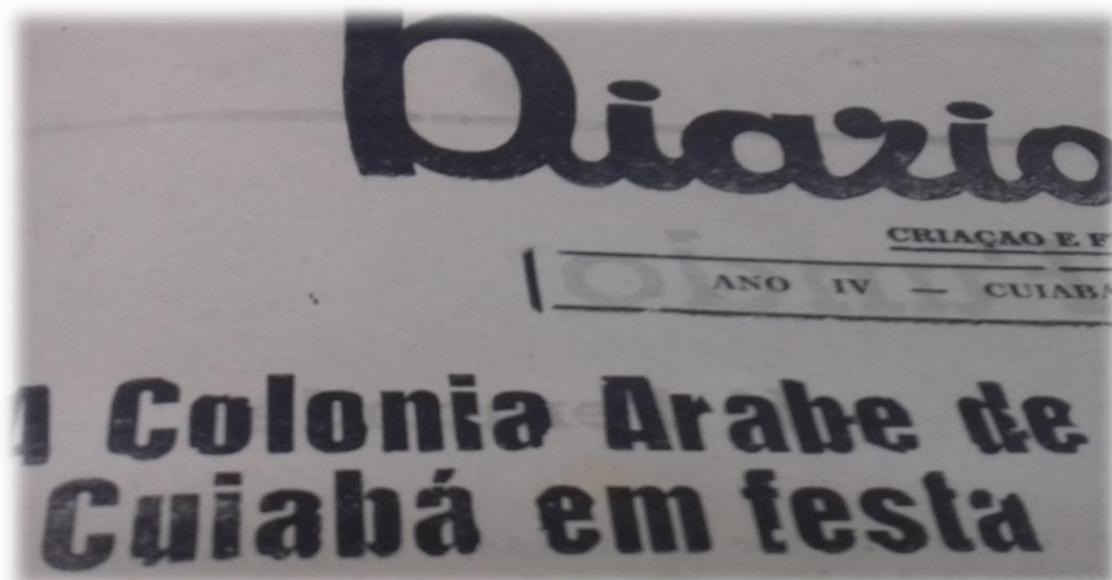
“[...] o sentimento de gratidão e confiança, em geral embalado – é preciso reconhecer – por uma significativa mobilidade socioeconômica, acomoda-se bem às trajetórias vivenciadas pelos povos de origem árabe em todo território sul-americano.”

Desta maneira, o acolhimento e da integração de migrantes árabes na cidade de Cuiabá será mencionado nas análises abaixo, as quais irão relatar sobre construção de uma Mesquita Muçulmana na referida capital e como os jornais vincularam esta notícia para os moradores da cidade. Assim, o recorte da pesquisa compreende os seguintes fatos apresentados nas reportagens: a presença de uma comissão que veio da Arábia Saudita com uma contribuição para a construção do templo religioso; na sequência uma

reportagem anunciando que a primeira Mesquita de Mato Grosso está sendo construída e para finalizar uma reportagem falando que o templo muçulmano está quase pronto.

2. Análise dos dados

As análises dos dados que foram selecionados têm o intuito de demonstrar o que estava preponderante nos textos que tratavam da construção e inauguração da Mesquita, que era o enaltecimento deste templo muçulmano, na cidade de Cuiabá. Diante disso, percebemos pela leitura das reportagens que em nenhum momento aparecem palavras que denigrem a presença deste templo religioso; e sim sobre a sua beleza, magnitude e suntuosidade. Desse modo, abordarei sobre este viés de valorização da Mesquita em todas as reportagens abaixo.



Fonte: Diário de Cuiabá, Sexta-feira, 1º de novembro de 1974, Sexta-feira, ano IV.

“Com a presença da maioria da coletividade árabe de Cuiabá foi realizada no dia 30 de outubro de 1974 na sede da sociedade muçulmana de Cuiabá uma reunião onde foi recebida com honra e satisfação uma comissão presidida pelo CHEIK Ahmad Saleh Mouhairi, enviado especial da embaixada da Arábia Saudita que por ordens de sua majestade o Rei Faiçal, veio a Cuiabá além de visitar a coletividade árabe de Cuiabá entregar a sociedade beneficente muçulmana de Cuiabá um cheque no valor de cR\$ 30,000 (trinta mil dólares, aproximadamente duzentos e trinta mil cruzeiros) como donativo de sua majestade para construção de Mesquita e escola árabe nesta capital. Após encerrar a reunião todos dirigiram-se ao local onde está planejada a construção (terreno já comprado no bairro Bandeirante) e em seguida a colônia árabe ofereceu um

lauto banquete em honra ao visitante. Em nome de Cuiabá e em nome da coletividade árabe de Cuiabá apresentamos os nossos agradecimentos.”

Conforme se verificou nas pesquisas da reportagem acima, temos um dado muito peculiar para a elaboração do texto, que é a presença de palavras as quais enaltecem e vangloriam a construção e inauguração de uma Mesquita Muçulmana, na cidade de Cuiabá. Os verbetes como *honra e satisfação* denotam a alegria e o entusiasmo que a coletividade árabe estava vivendo naquele momento, como também o quanto era relevante a quantia trazida pelo Sheik para construção de um espaço muito desejado e esperado.

Dessa forma, parece que uma Mesquita na capital foi algo que trouxe muita satisfação para este grupo de pessoas que comungavam a mesma fé, tanto que, ao término da cerimônia um grande almoço ou jantar, na reportagem na especifica a hora, foi oferecido para a comissão que acompanhava o Sheik. Nesse sentido, a valorização deste espaço que ainda seria construído fica evidente na atitude da colônia árabe presente na capital. A força da representatividade econômica também ficou demonstrada na atitude da coletividade árabe, em receber esta comitiva que veio da Arábia Saudita com uma contribuição que auxiliaria e muito a construção de um sonho há muito aguardado. Assim, o que fica marcado nesta reportagem também, é que a presença de uma Mesquita não seria problema algum para a sociedade cuiabana, pois estes a acolheram com tranquilidade e sem nenhuma manifestação de oposição.

Reportagem 2



Fonte: Em Cuiabá, a Primeira Mesquita de MT. Jornal, O Estado de Mato Grosso - Cuiabá, em 29 de junho de 1976, terça-feira.

“Já está bem adiantada a construção da primeira mesquita de Mato Grosso. Ela está situada no Bairro Bandeirantes, próximo à EMBRATEL. As suas linhas arquitetônicas características são perfeitamente identificadas. O ex-rei Fa'izal, da Arábia Saudita, foi grande benfeitor da mesquita de Cuiabá. Antes de morrer, o soberano saudita enviou uma grande doação. A grande obra está se concretizando graças à contribuição da grande colônia árabe radicada nesta capital”.

A reportagem traz uma informação relevante para a comunidade árabe e muçulmana que a primeira mesquita de Mato Grosso está sendo construída, trazendo para os fiéis um espaço para que os mesmos possam praticar a sua fé. Outro fato apresentado pela reportagem é a perfeição relatada das linhas arquitetônicas que compõem a Mesquita.

Esta apresentação descrita no jornal carrega o enaltecimento daquele espaço, pois vangloria a arquitetura marcando os traços característicos do templo muçulmano, como também apresenta a mesquita como um templo grandioso, marcando a relevância da grande coletividade árabe presente na capital. Esta valorização na construção do tempo muçulmano, segundo a reportagem, se faz, porque a colônia árabe é muito representativa na cidade.

Reportagem 3



Fonte: Quase pronta a primeira Mesquita de Mato Grosso. Jornal, Diário de Cuiabá, 12 de abril de 1977, terça-feira

“Dentro de três ou quatro meses deverá ser inaugurada a primeira mesquita de Mato Grosso, construída nesta capital pela sociedade Beneficente Muçulmana de Cuiabá. As instalações internas estão praticamente concluídas, inclusive o altar. A suacúpula central com vidros multi-coloridos, dão o toque da arquitetura, que se embeleza ainda mais com a sua torre alta e no mais puro estilo dos templos existentes no Oriente Médio. Por fora as obras estão bem adiantadas. A colônia árabe desta Capital é das maiores e esta primeira mesquita de Mato Grosso está sendo construída graças uma abnegação total. Até o rei Faisal, da Arábia Saudita, nos últimos meses de sua vida, deu valiosa colaboração a este grande empreendimento. Os dirigentes da Sociedade Beneficente Muçulmana de Cuiabá estão, a custo de muito sacrifício e muita luta, concretizando um antigo sonho, que agora marcha para se tornar uma realidade. Juntamente à mesquita funcionará uma escola para ministrar aula de língua árabe a todos os filhos da colônia até à idade dos quatro anos. Serão ministradas também, aulas de português para que todos possam ficar conhecedores da língua brasileira”.

A presente reportagem também traz a informação que um templo muçulmano está sendo construído na capital mato-grossense. Como também relata com maior riqueza de detalhes, tanto na fotografia, quanto no texto escrito, as qualidades deste espaço religioso. O fato de ser a primeira Mesquita ganha destaque, assim como, a sua

arquitetura suntuosa que remete aos templos existentes no Oriente Médio. Outro fato que ficou em destaque na reportagem é a concretização do sonho da comunidade árabe.

O texto expressa o quanto a comunidade se esforçou e sacrificou para poder ter este objetivo alcançado. Houve a contribuição do rei da Arábia Saudita, como também um engajamento dos migrantes árabes. Desta forma, podemos observar que as marcas textuais com expressões que adjetivam este ambiente, não condizem em momento algum deste templo ser um empecilho ou um problema para os que não são muçulmanos. Em nenhuma das reportagens selecionadas, a construção da Mesquita em Cuiabá é apontada como algo negativo e sim como um espaço que irá proporcionar a comunidade árabe da cidade, um ambiente que recorda o seu país de origem e seus ancestrais.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, G. A. *Sírios e libaneses em Cuiabá: imigração, espacializações e sociabilidade*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

FARAH, P. D. E. *The summit of South America – Arab States: historical contexts of South-South solidarity and Exchange*. In: AMAR, P. (Ed.) *The Middle East and Brazil: perspectives on the new global South*. Bloomington: Indiana University Press, 2014. p. 39-56.

KARAM, John Tofik. *Um outro arabesco: etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de; JUNQUEIRA, Nathália Monseff. *Representações sociais de sírios e libaneses em Corumbá, MS: comércio, casamento e cemitério*. Revista Transporte y Territorio /15, p. 388-403 (2016) ISSN.

PINTO, P. G. H. R. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010.

TRUZZI, Oswaldo. *Presença árabe na América do Sul*. História Unisinos, p.356-366. Setembro/ Dezembro. 2007

ZOLIN-VESZ, F. *Conheça o Alli Barato e os 40% de desconto: o Oriente bemaqui*. Polifonia, v. 22, nº 31, pp. 538-553, 2015.

ZOLIN-VESZ, F. *Terra de todos? – as narrativas sobre a (recente) migração árabe na cidade de Cuiabá*. In: BRAGANÇA, I. F. S.; ABRAHÃO, M. H. M. B.; FERREIRA, M. S. (Orgs.) *Perspectivas epistémico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba: CRV. P. 301-310, 2016a.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

ZOLIN-VESZ, F. (Por entre) *As narrativas que (não) nos contam sobre a migração árabe na cidade de Cuiabá*. In: ZOLIN-VESZ, F. (Org.) *Linguagens e descolonialidades – arena de embates de sentidos*. Campinas: Pontes. pp. 59-73, 2016^a.